

A PESQUISA

Compartilhando muitas das crenças e pressupostos descritos acima, parti de minha experiência e das reflexões que faço como professora de inglês numa escola pública para empreender a pesquisa que deu origem a esta dissertação. Talvez pelo fato de ser também formada em Comunicação Social, sempre acreditei que as tecnologias da informação e da comunicação em aula poderiam aproximar os estudantes do conhecimento escolar. Por isso, em meu trabalho de sala de aula, tenho por hábito procurar caminhos que estimulem o interesse dos estudantes pelo conteúdo que está sendo apresentado e estou sempre lançando mão do máximo de recursos possíveis que possam ativar sua empolgação pelo saber e pelo aprender. Entre esses recursos, vejo a TV, o computador, o gravador como formas bastante eficazes em trazer o lúdico para as aulas e, desta maneira, incorporar o prazer, a curiosidade e o interesse pelo conhecimento. Nem sempre sou bem sucedida, mas na maior parte das vezes, sim. Posso verificar isto pelo silêncio de curiosidade na hora de ouvir os diálogos dos nativos nas fitas cassetes ou na excitação de criar histórias em quadrinhos em Power Point na aula com o computador (desenvolvendo competências além das esperadas). Em minhas aulas, além do dia a dia tradicional, incluo histórias em quadrinhos, jornais, filmes, computador, fitas cassete, etc. Também menciono elementos do interesse comum a quase totalidade dos alunos, elementos esses que em geral vêm da mídia, para trazê-los para algo maior, ou seja, a estruturação de uma nova língua. Mas não me limito a um único meio de comunicação. Vários são os recursos possíveis se se estiver aberto para compreender e atingir a heterogeneidade cultural dos alunos. Nessa prática, sempre me questioneei quais seriam os elementos responsáveis pelo sucesso ou insucesso de uma atividade. Apesar de já ter obtido algumas respostas, esta pesquisa me ajudou a aprofundar o assunto e a levantar novos questionamentos.

Para mim, as tecnologias da informação e da comunicação podem ser grandes aliadas educativas quando se sabe trabalhar com elas, com objetivos claros e definidos, dentro de um contexto maior de aprendizagem. Elas trazem o mundo externo para dentro da escola e normalmente são associadas ao lazer e ao lúdico, por isso acredito no seu poder de sedução e aproximação do aluno ao

conhecimento. De qualquer forma, não avalio as tecnologias com deslumbramento ingênuo, tenho consciência de que elas sozinhas não são suficientes para desencadear um processo de real interesse e aprendizagem na escola. Tecnologias não são panacéia para os problemas escolares. Sem projetos e atividades que permitam a construção do conhecimento, as tecnologias da informação e da comunicação perdem seu valor.

Para Freitag, (1989, pg 80):

"A tentativa de resolver problemas políticos e pedagógicos da escola mediante introdução de novas tecnologias constitui o velho e repetido erro de todas as iniciativas de reforma do ensino, promovidas em nível municipal, estadual e mesmo federal, nas últimas décadas. Não é a TV Educativa, o satélite ou o computador que conseguirão alfabetizar os 20 milhões de brasileiros até agora excluídos de toda e qualquer educação formal. Não são eles que vão evitar as taxas de evasão e reprovação escolar nas primeiras séries. Não será através deles que o ensino de 3º grau voltará a ter níveis realmente "acadêmicos" de padrão qualitativo internacional".

As tecnologias da informação e da comunicação também não podem ser consideradas como um mal a ser combatido neste século, pois elas *"produzem novas formas de vida, novas formas específicas de subjetividade moderna, criadas a partir de relações sociais e práticas, tecnologicamente mediadas"* (Green & Bigun, 1995). E utilizadas por um professor devidamente valorizado em sua profissão, consciente de sua função formadora, tornam-se grandes auxiliares do processo educativo.

Não podemos perder de vista também a questão política e ideológica do uso das tecnologias da informação e da comunicação na escola e na sociedade como um todo. Sales Oliveira (2001) diz que a presença das tecnologias da informação e da comunicação na educação e particularmente, dos recursos da internet, não é em si um fator de equalização social nem uma condição suficiente ou mesmo necessária para a formação crítica e criativa do aluno, pois ela está conectada com o modo de desenvolvimento informacional, com a denominada sociedade do conhecimento que não se pauta por valores de justiça e inclusão social, democratização dos bens materiais e simbólicos construídos no espaço coletivo. Em consequência, esta presença não lida com recursos tecnológicos neutros e não viabiliza o acesso ao universo de conhecimento da humanidade. O barateamento dos recursos tecnológicos e sua oferta no cenário educacional cumprem funções mais ligadas ao consumo do que à intenção de construção da

cidadania e respeito aos direitos humanos. A introdução das tecnologias da informação e da comunicação também envolve novos problemas ligados a questões éticas, de segurança e de propriedade intelectual. Mesmo tendo consciência de que as tecnologias e os meios de comunicação de massa constituem o espaço em que as sociedades industriais produzem as representações da realidade e impõem sua lógica de mercado, é necessário reconhecer a potencialidade instrutiva e inclusive formadora que a revolução eletrônica oferece. Ao permitir a comunicação intercultural e provocar o descentramento dos indivíduos e dos grupos de seus próprios contextos, os meios tecnológicos promovem o alargamento dos horizontes dos sujeitos que entram em contato com elas. No espaço escolar, os modos que os docentes encontram para explorar os recursos das máquinas - possibilitando o encontro de culturas - sugerem outros aspectos potencialmente educativos das máquinas.

Lembrando que as tecnologias não têm o mesmo significado para todos e que o uso que se faz delas é que lhes dá sentido, torna-se necessário pensá-las a partir daqueles que se apropriam destas tecnologias. Então, investigar os professores em sua prática escolar com as tecnologias, parece um bom caminho para entender os significados que elas têm para as pessoas que trabalham com educação. Trazer as tecnologias para a sala de aula é uma experiência original para cada professor que as utiliza, bem como para os alunos. Na busca de uma compreensão dos modos de uso das tecnologias da informação e da comunicação na escola, o conceito de *cultura escolar* foi fundamental para penetrar no cotidiano, em seus meandros, tentando apreender sua diversidade e heterogeneidade. Nesta pesquisa ainda, busquei investigar e analisar como os professores utilizam as tecnologias da informação e da comunicação na escola, como vivenciam estas práticas e como as avaliam.

Limitei as observações da pesquisa às aulas com o uso da televisão, vídeo e computador, pelo fato desses meios serem os que têm maior apelo na cultura dos estudantes e professores fora da escola e por serem os que fazem uso de imagem, som e movimento. Considerei importante, também, desvendar a relação que os docentes têm com as tecnologias em seu dia a dia fora do ambiente educacional e comparar essa vivência com sua prática profissional.

METODOLOGIA

Para realizar esta pesquisa, pareceu mais apropriado trabalhar indutivamente, de forma exploratória e descritiva, utilizando uma metodologia de base qualitativa. Este tipo de investigação requer, como atitudes fundamentais, a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com o grupo de atores sociais envolvidos (Minayo). Numa busca qualitativa, preocupamo-nos mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma política ou de uma representação. Dentre as várias características da pesquisa qualitativa, destaco a possibilidade de compreender a realidade partindo-se do princípio de que nenhuma investigação é neutra. Segundo Alves-Mazzotti (1991:54), *a abordagem qualitativa parte do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado.*"

Sendo assim, toda e qualquer pesquisa está permeada de valores. A abordagem qualitativa privilegia a análise dos sentidos dados pelos sujeitos pesquisados às suas ações e tenta descobrir o significado e a lógica subjacente às ações sociais. Deste modo, esta abordagem possibilita uma análise interpretativa dos dados, uma análise que será sempre condicionada pela subjetividade do pesquisador e pelo contexto em que se situa. Por isso, é importante superar, numa pesquisa qualitativa, a crença de que este trabalho será uma cópia fiel do real, sendo, portanto, isento de valoração.

Outra característica importante dessa abordagem é não ter a pretensão de esgotar a questão proposta. Por isso, o mais significativo é ouvir em profundidade os diversos atores envolvidos na investigação, bem como adotar uma atitude de estranhamento e relativização na observação dos fatos.

Dentro desta perspectiva, esta pesquisa utilizou principalmente dois instrumentos metodológicos: a observação de campo e entrevistas semi-estruturadas com o uso de registros fotográficos (ver anexo 1) e gravados. De acordo com Lüdke e André (1986:34), a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, com qualquer informante e sobre os mais variados tópicos. Ela permite

o aprofundamento de pontos importantes e permite o tratamento de assuntos de natureza pessoal e de natureza complexa.

A escola escolhida para realizar esta pesquisa foi uma escola pública de grande porte (composta de 10 unidades escolares, com cerca de 1800 alunos distribuídos entre a classe de alfabetização e o terceiro ano do ensino médio em cada uma), considerada de qualidade, freqüentada por estudantes de diferentes faixas etárias oriundos tanto de camadas médias quanto de camadas populares. Seus fundamentos teórico-filosóficos procuram se ancorar no "*conceito contemporâneo de cidadania voltado para a formação de um ser humano crítico e auto-crítico, pautado em princípios éticos, de valorização da dignidade e dos direitos humanos, bem como de respeito às diferenças individuais e socioculturais, capaz de mobilizar-se por aspirações justas visando ao bem comum*" (PPP – CPEI: 78). Sua proposta curricular procura seguir, desde 2001, as propostas dos PCNs, centrando seu trabalho nos três eixos das competências, a saber:

- a) representação (referindo-se à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias);
- b) investigação e compreensão (área de Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias) e
- c) contextualização sócio-cultural (área de Ciências Humanas e suas Tecnologias).

De acordo com o Projeto Político-Pedagógico do colégio, *"as competências de cada área e também de cada disciplina se encontram agrupadas e organizadas a partir desses três eixos. Isso significa que cada área se interliga interdisciplinarmente, ao construir suas competências específicas, às duas outras áreas do currículo."*

O fato de a escola contar com uma quantidade razoável de recursos tecnológicos e dispor de espaços adequados para se trabalhar com as tecnologias da informação e da comunicação (sala de audiovisual, laboratório de informática com 35 computadores, auditório com uma televisão e um vídeo-cassete, um acervo de mais de 800 produções de vídeo entre filmes, documentários e vídeos educativos, 3 televisões com vídeo cassete para serem transportadas para as salas de aulas) foi um fator essencial para despertar meu interesse em pesquisá-la. Supostamente, tendo recursos tecnológicos tão modernos, modos inovadores do

uso das tecnologias da informação e da comunicação na escola poderiam ser encontrados.

Um outro fator considerado na escolha do campo de pesquisa foi o fato de que nesta escola as disciplinas são divididas em departamentos pedagógicos, que têm a função de definir e acompanhar os conteúdos e as linhas gerais do trabalho a ser feito pelos professores com seus alunos. Estas linhas gerais são apenas um arcabouço do trabalho e não uma camisa de força, ou seja, os professores têm uma relativa liberdade para decidir o que fazer em suas aulas. Portanto, se o professor decide usar as tecnologias da informação e da comunicação em sua aula, supõe-se que seja porque percebeu a importância delas.

Apesar desta infra-estrutura "sofisticada" para uma escola pública, essa instituição passa por problemas financeiros, um problema incipiente de falta de professores, tendo como consequência a sobrecarga de trabalho para cada docente (em média 6 a 10 turmas por professor) e um número grande de alunos por turma (entre 35 e 40). Tem havido também a substituição gradual dos docentes efetivos concursados por professores substitutos contratados temporariamente (que não ganham férias, 13º salário ou aposentadoria) vindo ao encontro da política neoliberal de flexibilização dos direitos sociais e de diminuição de custos. De qualquer modo, o setor de informática educativa parece contar com a aquiescência da diretoria geral e sua empolgação. Como disse a responsável pelo laboratório de informática da unidade pesquisada (a professora L):

"O professor Choeri (diretor-geral do colégio no ano da pesquisa) acreditava muito nisso, ele realmente investiu em cima disso, porque ele tinha passado por uma experiência similar na UERJ e ele foi um dos responsáveis pela implantação do laboratório de informática na UERJ e ele sabia que o futuro era esse mesmo. Ele incentivou e apoiou o projeto da professora Eugênia. E ela, associada a UFRJ, à universidade, ela trouxe o projeto Educom. O Colégio era uma das escolas experimentais que iam trabalhar com esse projeto de capacitação."

Nessa escola, o setor de audiovisual conta com dois funcionários responsáveis em organizar os filmes, gravar programas de interesse dos professores e agendar as turmas para as aulas realizadas nesse espaço. A funcionária que trabalha à tarde (K) pareceu ser uma pessoa empolgada com seu trabalho e que sempre busca atrair os professores para usar filmes em suas aulas.

"Eu até deixei uma relação de filmes na sala dos professores dizendo: 'Professor: illustre sua aula, dê uma olhadinha, você pode encontrar o filme certo para ilustrar sua aula' e deixei a relação dos filmes lá, coloquei, fiz uma capinha bonitinha prá ver se interessava."

Através desta mesma funcionária, eu soube que a sala de audiovisual é muito usada por professores de variadas disciplinas, tendo seu tempo quase todo ocupado.

Nesta pesquisa, o primeiro passo foi fazer um levantamento, junto à funcionária responsável pela sala de audiovisual e à professora de informática educativa, sobre quais eram os professores que mais utilizavam esses espaços, e, se possível, com que tipo de atividade. De posse dessas informações, observei algumas aulas em que os docentes utilizavam as tecnologias da informação e da comunicação e as registrei com fotografias e no meu diário de campo. Depois das aulas assistidas, fiz contato com os professores pedindo, por meio de conversas informais e de entrevistas semi-estruturadas e gravadas, que descrevessem a(s) atividade(s) que desenvolveram e que avaliassem sua experiência.

Pelo fato de estar pesquisando em meu local de trabalho, e por ter consciência de que isso poderia ser um empecilho para uma atitude de estranhamento, tão importante para um pesquisador, achei pertinente ter um diário de campo onde eu pudesse escrever minhas impressões da escola e das aulas assistidas, buscando manter uma postura permanente de reflexão e atenção. Gilberto Velho (1980) chama a atenção para a postura do pesquisador, que deve ir para o campo com uma teoria, mas deve estar aberto à empiria, de modo a tecer novas hipóteses e a construir o objeto de outra maneira. É importante para o pesquisador verificar como os próprios indivíduos do universo investigado percebem seus domínios para que ele não caia na armadilha de impor suas classificações a culturas cujos critérios e classificações possam ser diferentes dos seus. Mostra que, às vezes o que é familiar para o pesquisador nem sempre quer dizer *conhecido*. A lógica interna, os valores, os significados, as práticas e as definições sociais podem não ser conhecidos para ele. É sua função, então, descrever as ações sociais e compreendê-las a partir das categorias nativas.

No meu processo de investigação, percebi que não foi tão difícil conseguir a atitude de estranhamento e de relativização, primeiro por fazer parte daquele universo e depois porque nunca havia assistido antes às aulas de meus colegas de trabalho. Julgo que foi uma experiência riquíssima e esclarecedora. Contei com a boa vontade de todos eles em me abrir as portas para assistir às suas aulas e depois para as conversas gravadas. Confesso que a maior dificuldade foi estranhar o

espaço físico da escola. Como freqüento esta instituição há oito anos, algumas coisas se tornaram invisíveis para mim. Uma delas foi a quantidade de computadores no laboratório.

Eu já sabia de antemão que há muito tempo a escola possuía dezoito computadores no laboratório, ou seja, um computador para cada dois alunos. Inicialmente, na observação das aulas, esse fator não foi levado em conta por mim. Eu achava que tinha dezoito computadores e ponto! Não contei o número de máquinas presentes na sala. Um dia, porém, fiquei atenta a uma turma que chegava ao laboratório para ter aula e comecei a perceber que cada aluno que chegava se sentava em frente a um computador. Fiquei esperando que as duplas se formassem como sempre havia sido e, de repente, percebi que cada estudante ficou com um computador individualmente. Só aí me dei conta de que a escola havia adquirido mais computadores e que havia ali trinta e cinco equipamentos completos (microcomputador, monitor, teclado e mouse) , ou seja, um para cada aluno. Surpreendi-me com a minha falta de percepção do espaço físico, que foi corrigida a tempo. A partir daí, percebi que um olhar atento é primordial para registrar os fenômenos e compreender melhor a realidade pesquisada.

Em busca do estranhamento

Outra providência que tomei para construir uma atitude de maior estranhamento e relativização foi travar contato com escolas diferentes. Ao tomar conhecimento de que havia, em outras duas escolas, trabalhos bem estruturados com tecnologias da comunicação e da informação, procurei entrevistar os responsáveis por esses setores naquelas instituições. Nesse caso, não assisti a aulas nesses locais, apenas entrevistei as pessoas que vêm trabalhando com o uso das mídias para tentar tecer comparações com o que eu vinha observando na escola pública.

Escola 1

Uma dessas duas escolas fica na zona sul do Rio de Janeiro, é particular, atende a camadas médias e altas, é uma escola de grande porte, administrada por religiosos, e possui um núcleo de informática e multimídia educativa. Tem uma boa estrutura nessa área (quatro salas e mini-auditórios com equipamento multimídia; um auditório com equipamento multimídia; mais de 4.000 títulos de vídeos didáticos e de diversos gêneros; mais de 600 títulos de mapas e material didático tridimensional; equipamentos de áudio e vídeo para uso didático; equipamento digital de produção de vídeo e fotografia; estúdio de gravação;doze ilhas de edição não-linear de vídeo; seis laboratórios de informática para alunos; duas salas de computador para professores; dois laboratórios de robótica; um total de 200 computadores para uso de alunos e professores, ligados em rede e com acesso permanente à Internet), além de um espaço físico privilegiado.

Em seu projeto pedagógico a instituição afirma privilegiar "*a qualidade das relações e das experiências. Virtudes como respeito, solidariedade e serviço, se conjugam com iniciativa, dinamismo, celebração. O processo pedagógico valoriza o trabalho cooperativo, a troca de experiências, a autonomia, a criatividade. Sem abrir mão do rigor acadêmico, investe na atenção pessoal, respeitando a individualidade de cada aluno e as particularidades de cada grupo.*" ([http://www.santoinaciorio.com.br /fr_pedagogia.htm](http://www.santoinaciorio.com.br/fr_pedagogia.htm)).

Em relação ao trabalho com as mídias, a escola desenvolve um projeto chamado "Educação do Olhar" que tem como justificativa: "*desenvolver nas crianças um olhar sensível e crítico frente ao bombardeio de mensagens*

audiovisuais a que estão expostas. São elas, principalmente, que devem elaborar seus filtros, "refinar seu paladar", frente ao que assistem, muitas vezes desacompanhadas, em casa. Preocupados em colaborar com as famílias nesse desafio, mídia-educadores e professores do CSI desenvolvem atividades cujo objetivo é a formação de crianças e jovens mais exigentes quanto à qualidade ética e estética do que assistem." (http://www.santoinacio-rio.com.br/fr_pedagogia.htm)

Um outro projeto, chamado "Monitores de Mídia e Oficina da Imagem" procura desenvolver com alunos de Ensino Médio projetos de comunicação educativa, capacitando alunos voluntários para atuarem como lideranças junto aos colegas e em apoio aos professores. Nesse trabalho, os estudantes produzem vídeos documentários sobre assuntos sociais e os exibem na escola e em festivais de cinema. Como a escola pública que pesquisei possui um núcleo de informática relativamente estruturado, preoquei-me em conversar com o responsável pelo núcleo de multimídia educativa, que inclui os projetos relacionados à produção de cinema e TV e não com os responsáveis pela informática educativa.

Escola 2

Esta outra instituição me interessou pois soube que possuía na grade curricular uma disciplina chamada "Comunicação Visual", que lida com a questão das mídias enquanto "novo Deus contemporâneo" (termo usado pelo professor da disciplina). É uma escola bem diferente da outra, descrita acima, a começar pelo espaço físico. É uma instituição de pequeno porte, com um número de alunos bem menor do que o das outras duas escolas e cujo projeto pedagógico refere-se a *"formar pessoas que possam crescer, se desenvolver e saibam cuidar bem de si e do mundo."* (http://www.edem.g12.br).

Trata-se de uma escola particular que atende à camadas médias e altas da zona sul do Rio de Janeiro. Posso dizer que é uma escola aconchegante, lúdica, onde as crianças não vestem uniformes, e brincam soltas.

Em relação à Comunicação Visual, a escola diz que:

"a Comunicação Visual foi integrada ao currículo de 5ª à 8ª série a partir de 1992. E ainda hoje a EDEM é a única escola do Rio de Janeiro a oferecer esse curso. Mudaram os meios, mas o objetivo permanece o mesmo: educar o olhar, propiciando que os alunos se apropriem dos elementos específicos que compõem a imagem, tornando-se capazes de ler

(reflexiva, criticamente), contextualizar, produzir mensagens imagéticas e, assim, de responder criticamente às demandas de um mundo em constante processo de transformações. As aulas de Comunicação Visual (5ª à 8ª série) realizam-se através de projetos. Os alunos aprendem que a imagem se estrutura de diferentes formas. Assim, refletem sobre: O que é uma imagem de propaganda? O que é uma imagem televisiva? Quais são as características e formas de leitura de cada uma?" (<http://www.edem.g12.br/>)

Os conteúdos básicos dessa disciplina são definidos por série, a saber: 5ª série: A definição de linguagem verbal e não-verbal (visual); 6ª série: Continuação da abordagem da linguagem visual através, por exemplo, da leitura de imagens (paisagem natural e a humanizada); 7ª série: Diagramação de jornais e revistas. Entendimento do processo; 8ª série: Fotografia. Aprofundamento sobre o que é linguagem visual, através de técnica fotográfica. A partir desses conteúdos são desenvolvidos projetos como: história em quadrinhos, Rio de Janeiro de ontem (leitura sobre o vestuário e a arquitetura do RJ no início do século), propaganda, produto e design gráfico e fotografia (montagem de portfólio fotográfico). Em relação à infra-estrutura para realizar esses projetos, a escola não dispõe de muito material. O laboratório é "arranjado". Pois aqui o que interessa não é tanto trabalhar a parte técnica; o que importa é educar os estudantes visualmente. O professor responsável pela disciplina, que chamarei de professor N, em entrevista concedida a esta pesquisa diz:

"O objetivo maior que eu acho na disciplina Educação Visual é eles entenderem o processo de criação de mídia. Isso é o que eu acho mais interessante no trabalho. Na 5ª série eu trabalho com eles a questão da leitura de imagem: o que é ler imagem?"

Conversando com um ou outro professor, com o responsável pelas tecnologias nas escolas, entrando em espaços diferentes, observando os alunos em seu contato com as máquinas e suas produções, penetrando no mundo da virtualidade junto com os professores e alunos nas aulas, teci meu próprio documentário imaginário sobre o uso das mídias na escola, tentando perceber até que ponto elas educam ou pelo menos auxiliam os professores em sua tarefa de mediar a relação entre os alunos e o conhecimento.